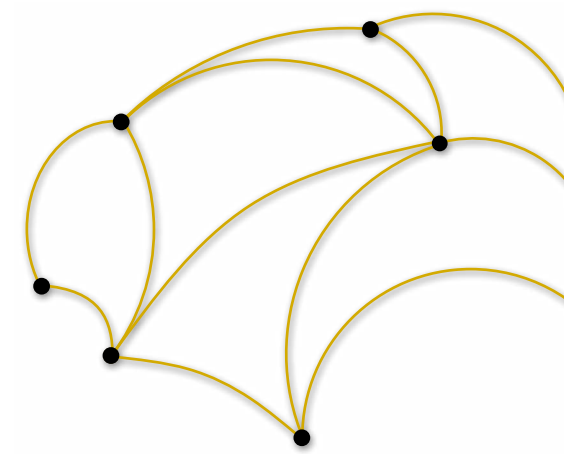


Capítulo 5

Internacionalização:

caminhos de memória e de diálogo na educação superior



Carla Conti de Freitas

Resumo: A internacionalização da educação superior é discutida neste capítulo como uma forma de peregrinação acadêmica. Assim como um peregrino deixa o conforto de sua casa e cruza fronteiras em busca de transformação, o estudante ou o pesquisador exercita o desapego de certezas locais como suas teorias, sua língua e sua universidade para caminhar pelo território do desconhecido, mesmo quando as ações são realizadas no próprio local. Nesta jornada, as pessoas envolvidas em ações de internacionalização enfrentam diferenças em relação à língua, à cultura e aos conhecimentos e saberes e criam formas de ver, viver e transformar a própria comunidade, pois cruzam fronteiras geográficas e epistemológicas. O objetivo deste capítulo é descrever e discutir ações de internacionalização em casa e em comunidade, vivenciadas ao longo da minha carreira docente, de onde destaco experiências que ocorreram na própria universidade e em universidades fora do país. Em ambas as situações, destaco como a relação entre as pessoas, agentes das políticas de internacionalização da educação superior ao longo dos anos, é uma estratégia importante para construção e compartilhamento de conhecimentos. Além disso, discuto como as ações de internacionalização são palco para transformação social.

Palavras-chave: internacionalização, interculturalidade, educação superior

Fazer memória é um pouco recriar o que foi feito.
(Freire, 2013, p. 24)

1 INTRODUÇÃO

A memória de um evento me apareceu como inspiração para a escrita deste capítulo. Em 2025, enquanto caminhava pelos corredores da USP, no intervalo para o café, avistei uma estante de livros expostos para venda. Me deparei com o livro Paulo Freire, peregrino do óbvio, lançado naquele ano, de autoria de Juha Suoranta, um pesquisador e professor universitário na Finlândia que analisa a atualidade do legado político e pedagógico de Freire.

Paulo Freire se autodenominava assim, mas eu não me lembrava disso e o que me chamou atenção foi a palavra peregrino que, ao longo dos anos, se tornou frequente para mim, que adotei as caminhadas de longo curso como atividade frequente.

Bastou essa referência para que eu quisesse ler o livro e me reencontrar com o Freire que não teve fronteiras, que andou e falou em lugares tão distintos, tão perto e tão longe, cujos livros se espalham pelo mundo. Teve muitos interlocutores com os quais caminhou nas estradas acadêmicas e nas afetivas. Circulou em lugares diferentes, entre intelectuais e pessoas simples, e elegeu o diálogo como a ponto de encontro entre eles.

No livro, o autor traz a explicação de Freire para termo peregrino do óbvio: “nesta peregrinação estou aprendendo o quanto é importante tomar o óbvio como objeto de reflexão crítica e, aprofundando-o, descubro que, por vezes, não é tão óbvio quanto parece (Freire, 1975, p. 17 apud Suoranta, 2025, p. 23)

Não me considero uma estudiosa de Freire, mas vejo muito do que ensina no que sou. Então, proponho aqui, um diálogo que permita, a partir da figura do peregrino, uma conversa sobre internacionalização da educação superior a partir das memórias do que vivi como professora, pesquisadora e gestora ao longo dos anos de atuação na educação superior. Não me refiro às lembranças apenas, mas aquilo que foi criado individual e coletivamente, compreendendo as causas sociais e históricas dos acontecimentos.

Retomo a epígrafe deste capítulo para lembrar que recriar, para Freire (2013), gera conscientização, pois somos sujeitos com capacidade de transformar, criar e recriar a nossa própria realidade a partir da ação e da prática ligada à reflexão sobre o mundo, ou seja, a conscientização está

relacionada à integração entre ação e reflexão e a capacidade de agir sobre a realidade.

Este processo de recriar por meio das memórias pode permitir, ainda, a hibridação da cultura que consiste em, entre outras coisas, ampliar o entendimento sobre aculturação, que não deve ser o propósito das ações de internacionalização. Entendo memória como um território de reconstrução identitária, fundamental para a interculturalidade que está relacionada aos processos de confronto, negociação, intercâmbio e mistura que ocorrem quando diferentes grupos culturais entram em contato direto, como em ações de internacionalização. Sendo assim, a memória ajuda na valorização das identidades locais e funciona com uma proteção contra o apagamento de tais identidades.

Este entendimento faz com que as ações de internacionalização possam ocorrer sem que as nossas identidades sejam questionadas ou sobrepostas, pois a memória nos faz resgatar a própria história e, ao conhecê-la, podemos torná-la a proteção contra as imposições de outras culturas nas relações possibilitadas pelas ações de internacionalização da educação superior. Isso ocorre no plano individual e no coletivo, uma vez que, dado seu caráter dinâmico, a memória se transforma em força e resistência política. Em ações de internacionalização, isso se materializa onde as diferenças culturais são consideradas para valorizar ou depreciar determinado grupo ou conjunto de saberes, podendo reforçar posturas de uma educação colonial.

Por isso, entre os conceitos que podemos lançar mão para entender ações de internacionalização da educação superior, escolho o de interculturalidade como fio com o qual costuro as memórias bem como as ideias para o presente e o futuro, como o inédito viável de Freire, elegendo como base para isso a noção de comunidade, criada e fortalecida no diálogo intercultural e na interculturalidade crítica nos termos de Candau (2008; 2022) e Walsh (2013).

Remeto-me aos estudos das duas autoras para discutir a crítica à internacionalização focada em intercâmbio individual ou preocupada com os ranqueamentos internacionais que motiva a dependência cultural e a inferiorização do saber produzido no local. Em uma abordagem crítica de internacionalização, à luz das leituras das duas, temos como ponto de partida, a ideia de romper como o eurocentrismo acadêmico e estabelecer parcerias horizontais de cooperação.

Compartilho o entendimento de Nez (2025, p. 3) sobre internacionalização que tem permeado meus estudos sobre o tema.

A internacionalização se manifesta de maneira “transversal” às várias dimensões da vida universitária, como a pesquisa, a docência e a extensão, sendo essencial para compreender a atuação das universidades na sua região. Isso significa que não ocorre isoladamente, mas é influenciada por fatores institucionais, nacionais e internacionais, refletindo a tensão entre diferentes abordagens e necessidades locais e globais.

A partir disso, abordo duas possibilidades de internacionalização da educação superior a saber: internacionalização em casa e internacionalização em comunidade. Essa categorização tem um efeito didático para este capítulo, pois escolhi apresentar a internacionalização na instituição na qual atuo, a partir da minha trajetória, e onde a internacionalização em casa e por meio da criação de comunidade aconteceram e acontecem concomitantemente em alguns momentos. Ao relembrar as ações de internacionalização descritas e discutidas a seguir, faço referência a outros pesquisadores e ao modo como entendo o percurso e os esforços institucionais para a internacionalização, corroborando a discussão de Leal e Moraes (2018) sobre a relação entre a epistemologia decolonial e o campo teórico da internacionalização.

2 INTERNACIONALIZAÇÃO EM CASA: PEREGRINAR EM TERRAS CONHECIDAS TAMBÉM É ENCONTRAR DESCONHECIDO

A primeira experiência de internacionalização em casa como professora na Universidade Estadual de Goiás (UEG) foi o estabelecimento de uma parceria com professores de inglês de uma escola de línguas e com a prefeitura da cidade. Em parceria com os professores de inglês da universidade, foi realizado um programa de imersão com professores e alunos do curso de Letras, professores de inglês em formação. Essa ação, intitulada Artslit, foi descrita e analisada em diferentes produções científicas (Freitas, 2010; 2017; 2024) e envolveu professores dos Estados Unidos e do México.

Deste período, discuto a internacionalização em casa que compreende as ações relacionadas ao Artslit, no período de 2005 a 2008, e ao Encontro sobre formação de professores (Enfople), que iniciou em 2005 e segue com edições anuais. Em ambos os casos, a internacionalização em casa a partir de ações de extensão e de ensino. Registre essas histórias em capítulos, artigos e palestras bem como no livro *À sombra do Flamboyant: histórias e memórias entrelaçadas na extensão universitária*:

A primeira oportunidade de ações de internacionalização em casa, que coincide com o início do Enfople, está relacionada diretamente ao professor Daniel [Soares]. O projeto Artslit foi promovido quando [...] se destacou com sua participação e metodologia que desenvolveu. (Brossi, Freitas & Silva, 2025, p. 58)

Ao longo dos anos, o Enfople (<https://www.ueg.br/enfople/>) se consolida como evento de formação de professores de línguas e inclui atividades que caracterizam internacionalização em casa com o projeto Artslit e com o programa de Imersão para professores, entre os anos 2017 e 2021, com empenho da Assessoria de Relações Externas da universidade e o programa English for Kids, que iniciou em 2017 e segue em atividade até nos dias de hoje.

Estas ações se constituem em espaços de formação a partir de atividades relacionadas tanto ao ensino quanto à extensão universitária e os esforços para realização de ações de internacionalização da educação superior.

Destaco que tais ações repercutem na formação linguística, metodológica e cultural dos professores envolvidos. Embora o termo imersão em língua estrangeira tenha um forte apelo colonial, ressalto o valor dessa ação para o desenvolvimento linguístico dos professores e futuros professores de inglês e para a expressão da cultura local como forma de valorizar e compartilhar saberes locais. Tanto o Artslit quanto o Enfople e as atividades de imersão se constituem em uma educação decolonial por valorizar saberes historicamente marginalizados.

Reconhecer e propor uma educação decolonial é importante para o entendimento da internacionalização como trocas, compartilhamento de saberes e questionamentos sobre colonialidade ao resgatar as epistemologias do sul global, valorizar a história e a identidade e a memória das pessoas

do local e combater as estruturas sociais e educacionais relacionadas ao racismo, ao machismo e as desigualdades sociais e econômicas, motivando uma “internacionalização decolonial, capaz de promover mudanças em políticas e práticas vindouras” (Silva; Xavier, 2021, p.5588)

3 INTERNACIONALIZAÇÃO COMO COMUNIDADE: PEREGRINAR NO MUNDO É SENTIR-SE PARTE DELE

O lançamento da Coletânea Luso-brasileira, disponível no site do *Observatório de Ideias* (www.ueg.br/inhumas/observatorio/conteudo/20551_coletanea_luso_brasileira), na qual atuei com organizadora em dez edições, abre um período muito produtivo e de relacionamentos com pesquisadores de outras instituições do Brasil e de Portugal e marca o início do que estou considerando uma internacionalização como comunidade.

A criação e participação em grupos e redes de pesquisa motiva e impacta consideravelmente as relações entre as pessoas o que provoca ações de internacionalização. Neste sentido, são as relações pessoais e profissionais que geram as experiências entre as instituições e, conseqüentemente, as ações de internacionalização como comunidades e a partir do entendimento dos grupos como comunidade que atuam para fortalecer as ações conjuntas e reconhecer que as diferenças culturais são base para a valorização das parcerias.

Desta forma, as visitas a outros países e receber professores de outros países se tornam, por meio do sentido de colaboração mútua e cumplicidade, condição para o fortalecimento de ações de internacionalização. No caso do grupo da Coletânea Luso-brasileira, a parceria entre os professores brasileiros e portugueses, gerou ações de internacionalização como participação e realização de eventos, formação acadêmica e pesquisas em parceria.

Atualmente, destaco a constituição de comunidade com as ações de internacionalização relacionadas a grupos de estudos e de pesquisas bem como suas produções científicas intensificadas pelos programas de pós-graduação em Educação e parcerias com universidades em Portugal e na América Latina. Trago dois exemplos: (i) atuação e alcance internacional do Gefople (Grupo de estudos em Formação de professores de Línguas), que promove o Enfople e congrega pesquisadores e estudantes de várias universidades brasileiras e

de universidades portuguesas e (ii) a constituição de um grupo de trabalho na Associação Latino-americana de Pesquisa em Educação.

Por meio das atividades do Gefople, que mantem as atividades de estudo e pesquisa em encontros on-line desde 2020, constituímos uma parceria com Universidade de Aveiro; reafirmamos e fortalecemos as atividades com Universidade do Porto e com a criação do Grupo de Pesquisa em Letramento, Cultura (LECCE, UEG/CNPq); iniciamos o programa CoNEXOes (<https://editora.ua.pt/index.php/uaeditora>), que envolve além de pesquisadores do Gefople e do Lecce, pesquisadores da Universidade de Aveiro. Além disso, participantes do Gefople participam também de grupos de pesquisa vinculados à Universidade de Brasília (UNB), Universidade Estadual de Londrina (UEL), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), entre outras, que promovem ações de internacionalização por meio da constituição de novas comunidades.

No caso da coordenação do recém-criado GT Educação e Inteligência artificial, na Associação Latino-americana de Pesquisa em Educação (<https://alie.lat/>), a constituição de um grupo de pesquisadores de países da América Latina, estabelece uma experiência da constituição de uma comunidade que envolvida em pesquisas, ensino e extensão, gera também ações de “internacionalização para a solidariedade global, voltada para ações contra a opressão e marginalização das culturas e indivíduos” (Silva; Xavier, 2021, p. 5588).

O que destaco na noção de comunidade é o diálogo que Nez (2026, p. 12) explica bem quando diz: “O diálogo na internacionalização excede a troca de informações; ele estabelece um reconhecimento profundo e um respeito genuíno pela cultura do outro. Para que esse diálogo seja eficaz, é indispensável que as identidades locais sejam consideradas e prestigiadas.”

Isso me faz lembrar o início das relações com as universidades portuguesas e as construções sobre pesquisadores brasileiros e, em especial, as pesquisadoras. Um olhar e uma prática intercultural precisou ser construída para que outra fossem desconstruídas desde as mais simples convivências à discussão de temas necessários para desconstrução de concepções construídas historicamente.

4 PEREGRINAÇÕES FUTURAS

Em um plano de presente e futuro, vislumbro, no desabafo de Chagas e Finardi (2024, p. 21), o que pode ser construído em termos das ações de internacionalização: “Se pudéssemos pensar a internacionalização como um processo de maior cooperação e diálogo entre povos, saberes e línguas, talvez o cenário mundial atual de guerras e crises de relevância da universidade fossem diferentes”. As ações de internacionalização como uma jornada que transforma as pessoas e geram transformações locais são mais efetivas do ponto de vista social do que o acúmulo de pontos no currículo ou o consumo do conhecimento do outro, como em alguns modelos de internacionalização.

Assim como em Garcia et. al. (2025, p. 18), “a partir das contribuições de Freire, propomos o enfrentamento das estruturas assimétricas de poder instituídas pela colonialidade a partir de princípios e ações práticas que podem contribuir para “sulear” a internacionalização universitária brasileira”, acreditando nas peregrinações epistêmicas.

REFERÊNCIAS

- Brossi, G. C., Freitas, C. C. de, & Silva, M. P. da. (2025). *À sombra do flamboyant: histórias e memórias entrelaçadas na extensão universitária*. Editora Scotti.
- Candau, V. M. F. (2008). Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. *Revista Brasileira de Educação*, 13(37), 45-56. doi.org
- Candau, V. M. F. (2022). Didática hoje: entre o normal, o híbrido e a reinvenção. *Perspectiva*, 40(3), 1-14. doi.org
- Chagas, L. A., & Finardi, K. (2024). Diálogos sobre internacionalização da educação superior e universidade: uma entrevista com Kyria Finardi. *Revista Letras Raras*, 13(5). doi.org
- Garcia, M. M. de M. S., Gussi, A. F., & da Mota Neto, J. C. (2025). “Suleando” a política de internacionalização universitária brasileira a partir das contribuições de Paulo freire para a educação. *Revista Contexto & Educação*, 40(122), e16534. doi.org
- Freire, P. (2013). *Freire, dialogando com a própria história* (1ª ed.). Paz e Terra.
- Freitas, C. C. de. (2010). Artslit e a formação lúdica do professor de língua inglesa. In C. H. Rocha, J. R. A. Tonelli, & K. A. Silva (org.), *Língua Estrangeira para crianças: ensino-aprendizagem e formação docente* (pp. 203–219). Pontes Editores.
- Freitas, C. C. de. (2017). *Gestão do Conhecimento e a formação de professores: percursos e desafios do Observatório de Ideias* (Vol. 1). Editora da UEG.

Leal, F., & Moraes, M. (2018). Decolonialidade como epistemologia para o campo teórico da internacionalização da educação superior. *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas*. 26(87). doi.org

Nez, E. de, Silva, R. T. d. P. da, & Quintana, I. P. (2025). A relação entre internacionalização e interculturalidade a partir do legado de Paulo Freire: os inéditos viáveis do sul global. *Revista Internacional de Educação Superior*, 12, Artigo e026045. doi.org

Silva, K. A., & Xavier, Rosely P. (2021). Um panorama da internacionalização da educação superior na área do ensino de línguas adicionais e da pesquisa no Brasil. *Fórum Linguístico*, 18(1), 5585–5595.

Suoranta, J., Tomperi, T., & Pereira, M. M. (2021). Freire na Finlândia: trajetórias da presença de Paulo Freire no norte global. *Revista Caminhos – Revista de Ciências da Religião*, 19(4), 205–227. doi.org

Suoranta, J. (2025). *Paulo Freire, o peregrino do óbvio*. Pontes Editores.

Walsh, C., Oliveira, L., & Candau, V. M. (2018) Colonialidade e Pedagogia decolonial: para pensar uma educação outra. *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas*. 26(83), 1-25. doi.org